

Trimestre.....	3\$000
Semestre.....	5\$000
Anno.....	8\$000

# O PENSADOR

## ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

Di-jam tunc vultu parvuli fluctuantis, et circumspicunt animi vultu doctissimi,  
in specula humanam, in salutem ad circumventionem erroris.  
(S. Prof. ad Epistolam, Epistolae Cap. V. 11.)

Maranhão, 20 de Setembro de 1880

Propriedade de uma associação

### AVISO.

Tratam-se todos os negocios deste jornal no escriptorio da redacção á rua da Palma n. 30. A, proximo á Relação, desde as 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

### O PENSADOR.

MARANHÃO, 20 DE SETEMBRO DE 1880.

Mais sagrada do que os templos, mais santa do que as religiões, mais divina do que todas as forças que animam a terra, uma luz irradiada no céu da humanidade — a consciencia.

E é esta luz, unica que pode guiar o homem para o novo-mundo — porvir, que as religiões e os templos hão em todos os tempos procurado enganar. Eis o astro que a entidade sacerdotal procurou supprimir no mundo moral, deixando o homem na treva, para, como o tigre que arrasta a preza para as profundezas de sua caverna, poder dilacerar-o á vontade... Com a consciencia o homem seria um capital improdutivo nas mãos dos tyranas. E o sacerdote, o grande parasita da humanidade, queria fazel-o render...

Amputada a consciencia, o impostor religioso substituiria esse orgão essencial por outro — a superstição. E a superstição erguendo-se no lugar em que esteve a consciencia, como liana que se apodera de um vegetal util, entregaria mutilado o homem á rapacidade sacerdotal. A superstição era o meio de fazer render esse grande capital — homem, e o meio d'estabelecer a superstição era abusar de uma grande ideia — Deus.

Deus? Sim; foi essa aspiração sublime da mente humana que servio ao sacerdote para estabelecer o seu dominio. Deus, essa concepção gigantesca da humanidade, eis o instrumento de que se apoderou o parasita para poder mutilar. Quando no mundo moral o homem dava o primeiro passo, conseguindo, por enorme abstracção, reconhecer a existencia de forças que o dominavam, um outro homem pensava em servi-se d'essas forças para o mal!

E Deus, essa força sublime, seria o sustentaculo de todas as tyrannias.

A natureza essa mãe de seio sempre fértil, que a vida entretém nos páramos do universo, um dia, ao produzir um novo ente, bafejou-o com um olhar divino. Esse ente era o homem: o olhar — a razão que ella lhe doava.

E o ser medrou e cresceu. Fraco e inerte a principio tinha a scintilla divina para o guiar. Onde os outros animaes viam, elle via e conhecia. Esse conhecimento era a força enorme que o faria do futuro o unico possuidor legitimo do globo.

Sim, a terra pertencia ao homem. Pertencia-lhe porque elle tinha a razão. A razão é a grande força que faz pensar. Pensar é abarcar as realidades physicas e moraes no acanhado limite de um cerebro. Pensar é possuir, porque quem concebe a ideia breve se apossará do seu objecto. O homem pensava — e em breve a terra seria sua.

Mas o homem era fraco. O que faria elle só? A necessidade fel-o reunir-se a

seus semelhantes. Havia forças na terra que combatiam o homem. Essas forças seriam impotentes quando combatessem a humanidade.

E a sociedade nasceu. Nasceu fatalmente como nascem as grandes cousas. Fora a necessidade que a gerara, seria a necessidade que a conservaria.

O homem tinha facilidades. Essas facilidades tinham que desenvolver-se. Os germens não podiam ficar inactivos. A consciencia apresenta então uma ideia sublime — o direito. O direito será a grande barreira que, collocada entre os homens, dará a cada um a possibilidade do desenvolvimento da sua individualidade.

E o direito — filho primogenito da consciencia, eis a primeira origem do desenvolvimento humano. Deixando cada homem livre d'exercitar suas facilidades, elle estabelecia-se como unica fonte do aperfeiçoamento possível.

E apez esta criação gigantesca do direito a consciencia humana engolpou-se por algum tempo no repositio.

A natureza, criando o homem, não lhe dera imprescritível — a do trabalho. Não se fabrica uma machina para que ella fique inactiva. Não se dá nascimento a um ser para que elle seja inútil.

Como todas as suas, a lei da natureza era fatal. O homem devia trabalhar. Era necessidade que elle se desenvolvesse, e sem o trabalho esse desenvolvimento seria um impossivel.

E o homem não se rebelou contra esta lei. Compreendeu-a e respeitou-a. Respeitou-a, porque a consciencia lhe suggeria que a respeitasse. E a consciencia para o homem simples era o unico arbitro de suas accões. A consciencia que lhe mostrava a terra, impunha-lhe d'ella a conquista. Conquista lenta obdita por um meio saude — o trabalho.

Apenas em associação o homem reunira-se, a lei do trabalho enthronou-se. Era o unico monarcha d'então. Monarcha de cujo dominio ninguém podia legitimamente fugir. Fazia-se respeitar pela necessidade: estava consagrado pela consciencia.

E o trabalho foi o primeiro dever para o homem. A noção expressa pelo direito fora completada pelo dever. A conservação do ser humano reponzava a estas duas bases.

Direito e dever! grandes palavras, grandes ideias, que presidiram á formação das primitivas sociedades, oh! porque não cedo houve quem vos desvirtuassem ante a humanidade?

E que alem da consciencia, da razão, o homem tinha vícios e paixões. Esses vícios, essas paixões, a principio imperceptiveis, no meio social vão desenvolver-se. O homem, que pouco elevava-se ás grandes concepções, ia breve ser estagnado por duas potencias — filhas do seu desenvolvimento. A força e a astucia.

E rei e sacerdote iam surgir. Um — torturando os povos; o outro — mutilando a consciencia.

O direito, o dever, foram impotentes para obstar a incarnação d'estes dois tyranos.

Ha no homem um sentimento que serve de base a todas as paixões.

E o amor de si mesmo.

Varios philosophos disseram-o. Disseram-o, e com razão. Nenhum acto ha na vida humana que não o tenha por mo-

vel. Fazer convergir tudo para a propria individualidade, eis o traço saliente do homem. Contestem-o embora alguns. A verdade nada perde com a negação.

Fora este amor de si mesmo quem constituiria a sociedade primitiva. A necessidade havia-a imposto como meio unico da conservação do individuo. E a consciencia, santificando a sociedade com o direito e o dever, deixava livre desenvolver-se o amor da propria individualidade.

O amor de si é porém uma força. Como todas as forças, elle podia levar o homem para o bem e para o mal. Para o bem — se fizesse o individuo desenvolver-se sem prejudicar o desenvolvimento de outros. Para o mal — se procurasse conseguir esse desenvolvimento em detrimento dos direitos do grande todo social.

Desde que uma força existe — susceptivel é d'ella o abuso. A natureza não diz a nenhuma ser — se bem ou mal. Contenta-se em dizer-lhe: — vive. E o ser que presiga no caminho da vida.

E o homem, um dia, no seio da sociedade constituida, abusou d'esta força. Olhara para seu corpo e vir-o nusculoso e rijo. Olhou para os outros e vi-os fracos, indignos de se lhe compararem. E este homem disse: — a lei do trabalho peza-me; locupletar-me-lhe com o producto do trabalho alheio. Tenho a força e a força não se resiste.

E assim foi. O trabalho passou a ser o dever do fraco. O forte, esse viveria do trabalho alheio. Recobera a força para ser inútil...

Outro tambem regueu-se. Era um homem que pensava mais que os outros. Este disse: — A verdadeira força é a intelligencia. A lei do trabalho peza-me. Devo tambem viver do producto dos alheios suores. O homem é crolado. A astucia me ha-de suggerir meios de o iludir. O homem acredita em forças sobrenaturaes que o governam. Servir-me-lhe d'essas forças para o escravisar. Tornar-o-bei supersticioso e estúpido. Condemnare a razão e hei-de mutilar a consciencia. Hei-de apresentar-me como intermediario entre o homem e as forças que o cercam. Serpi parasita.

E assim foi. Enganou os homens e por fim enthronou-se ao lado da força.

Eis o nascimento d'esses dois vultos sinistros da historia da humanidade. Nascimento indano e impuro. Nascimento digno d'estas duas larvas sanguentas — o rei e o sacerdote.

Mas, ah! ao rei ainda se pode pregar esse amor da força. Contenta-se apenas em opprimir sob o peso do trabalho os demais homens. Mas ao sacerdote, ah! a esse não! Além de opprimir, elle mutilava ao homem a razão. Além de viver do alheio trabalho, elle vivia-lhe a consciencia. Ao sacerdote, oh! nada de perdão! Elle mutilava até uma grande ideia — Deus.

E que se o rei foi vil, o sacerdote foi infame.

Deixemos portanto o rei. Esse já respondeu ante o tribunal da historia. Sigamos ao segundo d'estes dois tyranos. Veréis que rasto de sangue elle ha deixado no oceano immenso da humanidade.

Segui-nos.

Oh! Vedes aquella terra além das regiões em que nasce o Sol? Não a vedes brilhante ostentar a suas praias per-

fundadas pelas ondas azues do Oceano, praias em que as arvores frondosas osculam com os ramos viridentes as vagas que voluptuosas vem lambel-lhe os pés? Não á vedes, essa terra de magia, em que o bramido sussurro dos ventos parece tirar sons suaves e plangentes como que de uma harpa volta desenhada?

— Sim; vedes. Mas d'onde procede tudo n'ella está triste, silencioso... Do seio d'estas florestas extensas e viragos como que exalava-se um gemido... E bello este clima. Sublime esta atmosphera azulada. Suave esta briza que faz vergar os espantos do coqueiro e pender a copa gentil do tamarineiro... Mas, como um suspiro de morte parece brutar em meio d'este esplendor. Parece que a vida rebriunse d'esta região... Onde está o povo que habita n'esta terra de magia?

— Onde está o povo? Não vedes aquellos homens semi-nús, de tez acobreada, que se arrastam ao sol, trazendo nas feições o estigma de todos os vícios? Não vedes aquellas haiadeiras, envoltas nas roupas cheias de lantejoulas, dançando ás portas d'uma jangade, e offerenculo aos olhos o corpo que mais tarde offerenculo á prostituição? Não vedes aquelle homem mutilado, aquelle fakir, que roga humildemente pedindo esmola?

— Ah! sim. Esta terra é a India...

— Sim; a India. A terra nobre e antiga que primeiro talvez no mundo se civilizou. A que conserva ainda os mais ricos restos da sua fabulosa antiguidade. A que tem ainda a mais sábia, a mais rica litteratura do mundo. Outra era governada pelas mais equitativas instituições, ella era a primeira nação do globo.

— Mas então ella hoje é apenas um cadaver?

— Sim; um cadaver. Um dia o sacerdote — o bramiane introduziu-se no seu seio. Alterou a moral existente. Perverteu as consciencias. Dividiu este povo em castas. Escravizou-o e derramou-lhe o sangue. Escravos-o como parasita n'esta nação e matou-a. Isto que vés é um cadaver. Este solo não mais pertence a um natural possuidor. O estrangeiro consumou a obra principada pelo espirito do sacerdote. Mas foi o sacerdote o unico culpado da immolação d'este povo. Foi elle quem corrompeu para reunir. E um povo corrupto não sabe resistir á invasão!

— Oh! maldito seja elle, que converteu n'um cemiterio, no vil sepulchro de uma nobre raça, esta patria amada do Sol.

— Maldito!  
E os echos da India percutiram ao longe — maldito!

Oh! Vede este espaço nu e esteril que s'estende das arrias do Zaara até ás praias do Ponto Euxino. Aqui existiram outrora nações firmozas. Ali estava o Egipto, essa terra que fluita por cultivador o Nilo, e que foi a iniciadora da civilização europea. Mais ao norte estavam essas grandes nações dos Assyrios, dos Babilonios e dos Persas, de que conserva confusas recordações a historia. Junto d'aquelle pequeno lago — o mar Morto — existiu uma nação onde um dia um filho do povo souhou a liberdade universal. Vés?

— Vejo só ruínas.  
— Sim; ruínas. E' que por aqui tambem passou o sacerdote. Tambem aqui elle escravizou tudo, e estas ruínas são o fructo d'essa escravidão. Este immen-

so espaço tem sido a arena em que se têm combatido quasi todas as religiões. Foi aqui que o sacerdote egypcio fez do tol — um deus. Foi aqui que Moises estabeleceu essa theocracia levitica que estragou a franca Judéa. Foi aqui que Mahomett pegou o seu Koran com a espada na mão. Foi aqui que as cruzadas — esse delírio europeu, vieram com a nella d'armas exterminar os restos salvos da fúria do Mahometismo. E não pasmas d'estas ruínas. O sangue que aqui outr' hora correu foi derramado pela gloria de Deus! Estas ruínas são o altar que o sacerdote lhe deixou. E a esterilidade d' este solo eis a provação que a natureza lançou sobre o sacerdote — o maldito.

E os echos do Sinai ao longe pareciam aurrinar — maldito.

Estamos no século XVI. Que galões são aquellos que singram alem em todos os mares? Não os vés voltarem carregados de ouro das praias do novo-mundo? Sim, são navios que voltam á petrusuda Iberia. A Iberia é então uma grande nação. Dois povos — Portugal e Hespanha, abrom novas caminhas á civilisação. Oh! como são grandes, como são nobres!

Mas, não vés? Uma espessa nuvem tolda os ares. Que vapor enegredo é aquelle que acompanhado de chamas eleva-se aos céus? Que gritos são esses de desespero que abalam todo o orbe? Dize, não sabes?

— Não.

— É a Inquisição. É o arge da maldade do sacerdote que n'aquella terra se patenteia. E a Inquisição, uma santa instituição d'essa Egreja de Romm que se diz filha do Christo! N'aquelles foguetes estalam-se queimando homens, e os sacerdotes glorificam-se d' esta obra *meritoria*! Estão matando a Iberia, e invocam a Deus! Fazem de uma nação um cadaver e fallam como se fossem ministros de Christo! Encarcenam a duora e a mausidão do seu Redemptor, e querem honral-o com carnes recommendadas pelo fogo, com membros dilacerados pela tortura. Fallam de um Deus misericordioso, e praticam atrocidades de cannibales. Os figures, os leões, junto d'estes homens são completos inoffensivos.

E não vés? A Iberia delinha. Estiola-se esta flor que em vez do orvalho do céu só teve o sangue do homem. Se ainda não é um cadaver, é que alem do norte sopra-lhe um vento refrigerante. É a civilisação que caminha para ella. Se ainda existe esse povo, é que o humulo aberto pelo sacerdote era pequeno demais para esta nobre raça.

— Oh! em nome da Inquisição, d'essa instituição a mais cruel que no mundo tem surgido, só maldito, padre romano!

E nas abolidas sombrinas do Vaticano, n'esse antro da tyrannia sacerdotal, uma voz parece bradar — maldito!

E o Papa tromen.

Era a voz da humanidade no século XIX.

Não levamos mais longe o horror deste quadro. Este jornal não é, nem deve ser a pintura d'um oceano de sangue. Pintamos o sacerdote de todos os tempos. E quanto basta.

Hoje o sacerdote o mais sinistro das sacerdotés — o padre romano, mostra outra vez estabelecer o seu dominio. Com sempre, elle que estabeleceu o utilitando a consciencia. Deseja submergir toda a razão humana no pego profundo do Scyllabus.

O Brazil — eis a nação que elle se prepara para absorver. Já começou a nutillar aqui as consciencias, já conta poder extinguir essa luz.

Oh! fugi d'elle, Melhor, declaral-lhe guerra. Não a guerra de sangue, mas a guerra santa — a das ideias. Atacai-o como se ataca um absurdo monstruoso. Vencei-o hoje. O porvir será vosso.

Combatei o padre romano como a luz combate a treva — fazei-o fugir. A victoria da luz chama-se aurora. A vossa será — civilisação.

Vencei-o pela ideia.

**A Egreja Romana e o Clero Catholico.**

(Continuado de p. 1.)

BENEDEICTO DOMINI ET MAGNÆ TYPOGRAPHICÆ.

V. *Pax tibi domini, R. Et unigeniti habitacionis tuæ.* V. *Domine, exaudi habitacionis tuæ.* R. *Et abhinc vena ad te veniat.* V. *Domine cobisciam.* R. *Et cum spiritu tuo.*

«V. Paz a esta casa. R. E a todos os que n'ella habitam. V. Senhor, ouve a minha oração. R. E chogue a ti o meu clamor. V. O Senhor seja conosco. R. E com o teu espirito.»

PAX TIBI DOMINI.—Esta saudação está na perfeita conformidade da redacção evangelica. Achasse n'ella a variação de *domini* no seu verdadeiro sentido, — exprimindo, em latim, a *obra coarctada* que, em portuguez, exprime o nome *habitação*, significando uma e outra, igualmente, *casa habitada*, comprehendendo-se n'uma só idea a do edificio e a da familia n'ella estabelecida. *Habitacionis*, variação de *hab*, tambem se acha no devoto *tercio*, porque é *absoluto*, não se tratando de nenhuma outra casa em que se possa achar em relação a casa de que se trata. Desejar, portanto, a *pax a casa et desajar a tranquillidade moral da familia, já pela segurança e conservação do proprio edificio, já pela saúde e prosperidade de todos os membros que a constituem.*

ET OMNIBUS HABITANTIBUS IN EA.—Este appendice á saudação precedente está muito fora dos termos. Bem se nota que o respondente ignora que *domini* tem maior comprehensão do que *obes* (que significa simplesmente o edificio, e que dá etymologia a este termo), e que por isso entendeu dever lembrar ao officiante, os habitantes da casa, recordando que fizessem esquecidos na benção episcopal. *Omniabus* não é objectivo que exprima idea de *associação para um determinado fim*; o que, n'este sentido, aqui se deveria empregar era *coetus*. Tambem não é termo mais proprio, pois que *habo* denota a *essa* em sentido absoluto. *Et, et id*, de que *et* é aqui variação em absoluto, e o relativo anteposto de *id*, *id*, *id*; e se nem pelo menos se teuciona falar n'outra casa similante, a que propozia a dentro os que habitam *in ea*? Alem d'isto, parece que esta benção é temporaria restringindo-se a *habitantibus*, sem attingir, de modo algum, *habitantes, facturas, et quos in posterum habebunt domum habitantes.*

Não se pode julgar que a benção seja definitiva, e os habitantes — eternos.

OREMUS.

*Domine Sancte, Pater omnipotens, per intercessionem Sancti Apostoli Pauli et Beatorum Francisci Salesii Ignatii et Antonii benedicte Damiani scilicet, et omnium qui in ea sunt (?), sicut dignatus es Domine Patriarcho Abraham, Isaac et Jacob benedecere. Per Christum Dominum nostrum. Amen.*

OREMUS.

«Santo Senhor, Pai Omnipotente, por intercessão do Apostol S. Paulo e dos Benaventurados Francisco de Sales, Ignacio e Antonio abençoá esta casa, e tudo quanto n'ella se achá, como te dignaste abençoar a Casa dos Patriarchas Abraham, Isaac e Jacob. Por Christo Senhor nosso. Assim seja.»

Considerando por esta esta primeira parte da invocação da benção do Pai Omnipotente, sob o aspecto mais serio que pode apresentar á reflexão, não comprehendendo que se possa dar melhor similitude na forma, do que se dá nos assumptos. A benção proferida sobre os tres primeiros patriarchas tendia a nada menos do que a proferir a sua posteridade a todo o genero humano, constituindo-a particularmente em *pova esco-*

lido de Deos: — pertencerá n' actual bispo da diocese maranhense egual favor para a sua casa episcopal, levando as suas aspirações a que a *potestade* jornalística da sua *machina typographica* não só seja tão numerosa como *acrescentada de ora e de arcos do norte*, mas tambem seja constituida em *journalismo escolido de Deos* para dominar sobre todas as outras *machinas typographicas* da propria egreja romana? Se *sicut* pode denotar outra coisa, estimaria muito ver como isto se explica.

«*Intercessio*» etc. — O *hab* d' esta palavra é *intercessio*, porque a palavra latina *intercessio* não corresponde a portuguez *intercessão*. *Intercessio* é a forma substantivada do verbo *intercipere*, que significa *interceptor*, isto é, *interceio n'uma acção, oppugnando-se á que n' um effeito se realisa*. E totalmente o contrario da significação da palavra portuguez *intercessão*, que denota *medição entre duas pessoas que, para certo impio, não se correspondem directamente, porque se um medição *habere* obter de um d'elles a sua proceção, ou beneficio, para o outro*. Ve-se pois que o compositor, que por ordem de s. ex.º, redigiu esta benção em latim, sabia tão pouco discernir esta differença, que disse exaltamente o contrario do que queria dizer, pois que a sua intenção não podia ser *interceptar* a acção da benção divina, mas sim *implicar*, sobre a casa o sobre a *machina typographica* do bispado.

Mas tambem se o officiante dirige directamente a sua oração ao «Santo Senhor, Pai omnipotente», para que invoque, em tal caso, medianeiros que, para fazer a supplica, se tornam desnecessarios? Que se impore a graça divina *per acção Christi Domini nostri*, convenho, porque então invoca-se o *amor do Pai para com o Filho*; mas estaão no mesmo caso o *amor do Filho de Deos*, que se pode invocar em supplica directa, e a *intercessão do Apostol S. Paulo e dos Benaventurados Francisco de Sales, Ignacio Loyola, e Antonio de Bulhões*? Se por excessão d'insipiecia se pode commetter (tantas inconveniencias, fallando dos personagens da corte celeste sem distincção das suas categorias e merecimentos, a ter a ousadia de as mandar imprimir!

ET OMNIA QUI IN EA SUNT.—Esta não pode ser analysada tão profundamente... seria necessario descer a minutias, e n'este sentido já é demais que se lhe possa calcular o alcance...

SICUT MEXATIS ES.—A variação auxiliar *es*, em linguagem, é *presente*, e só se deve empregar nos casos de existencia indeterminada, ou de acção ainda subsistente. Sendo porém a benção alludida a proferida por Deos sobre a casa dos patriarchas) uma coisa de já tão remota antiguidade, que ha porto de dois mil annos lhe foi sustado o effeito, e de que portanto já hoje não se pode ter conhecimento senão pela historia, a variação conveniente a empregar, se a philologia particular da lingua a exigisse n'esta phrase, seria *fuisti*, que denota *preferito perfecio*, e não *es*, que é propria a prolongar a acção passada ainda alem do presente. Mas nem mesmo *fuisti* se deveria empregar, achando-se expresso e repetido, o verbo *benedecere*, a cujo sujeito pertence o participio *dignatus*.

OREMUS.

«*Exaudi nos, Domine Sancte Pater omnipotens, Interce Deos, et mittre digneris Sanctum Augustum unum de rebis, qui custodiat, faciat, protegat, visitet atque defendat omnes habitantes scriptores et operarios in hoc habitaculo. Per Christum Dominum nostrum. Amen.*»

OREMUS.

«Ouyi-nos, Senhor Santo Pai omnipotente, eterno Deos, e digna-te enviar dos ceos o teu Santo Anjo, para que guarde, aqueça, proteja, visite e defenda todos os habitantes, escriptores e operarios n'esta habitaçãozinha. Por Christo Senhor nosso. Assim seja.»

Como o compositor não manifesta systema definido de orthographia, a d' esta vez não achei, entre *Sacrite* e *Pater*, — virgula que denotasse *Pater omnipotens* como accessorio de *Domine Sancte*, entendi dever traduzir as palavras pela mesma ordem em que se acham no original, parecendo que, desta vez, *Sacrite* deve qualificar particularmente *Pater*.

Os attributos, só que n' esta oração se invoca a honção do Soberano Ser dos ceos, denotam um assumpto d'importancia incalculavel e de uma duração indefinida; mas torna-se admiravel a desordem que se dá nas palavras, achando-se quasi em ultimo lugar a *reclia*, do Santo Anjo de Deos, que deveria ser a primeira coisa proferida, visto que d' ella dependia o cumprimento de todas as outras supplicas.

OREMUS.

«*Benedic, Domine, machinam istam typographica, unum scilicet hinc diffundens destinatus, et presens per gratiam tuam, ut que ab ea in caligis prodigia sunt, evocant tenebras desolatas, hinc scilicet ubique diffundat, ut omnes te unum certum Deum agnoscat, illosque deus gloriant. Per Christum Dominum nostrum. Amen.*»

«*Interce pro aspectu catholici et machinae typographicae aqua benedicta. Deinde officium impati hinc in thronibus, et innotat catholicam et machinam typographicam, Inventionem peracta, officium recitantes arabicas.*»

V. *Domine cobisciam.*  
R. *Et cum spiritu tuo.*

OREMUS.

«Abençoá, Senhor, esta machina typographica, destinada ao lume propagativo da tua verdade, e faz pela tua graça que tudo quanto della sahir para o vulgo, dissipe as trevas do erro, e derrame em toda a parte a luz da verdade, para que todos te reconheçam por um verdadeiro Deos. Por Christo Senhor nosso. Assim seja.»

(No entretanto faz-se a aspersão da camera e da machina typographica com agua benta. Depois o officiante bota incenso nothuribulo, e incensa o quarto e a machina typographica. Concluida esta performance do incenso, o officiante recita as seguintes orações):

V. O Senhor seja conosco.  
R. E com o teu espirito.

Nada ha, na parte original d' esta composição, que mereça as honras da critica, e por isso vou restringir a analyse, pela importancia do assumpto, ao que pode ter consequencia na oração.

«*Memento de Balthazar*» (Continua.)

«3.»

Do grande exercito dos pensadores, d'essa phalange que, a frente da humanidade, a guia á conquista do futuro, mais poucos acabam de ser riscados — Antonio Pinheiro e Ramando de Carvalho e Aguiar.

Não os chorvas. Na grande luta da vida elles deixaram assignalada a sua passagem. Pensaram, e as ideias, que nos ceos ebravos seus roboraram, entregues á grande circulação da civilisação, perpetuarão-na vida illudida da humanidade.

Não morreram, não. Vivem pelo pensamento no seio da humanidade a que pertencera.

Votai-lhes admiração, e procurai imital-os. Sede como elles obreiros do progresso.

A morte então será impotente.

«3.»

**O Bispo Diocesano e a selvagem do povo maranhense.**

É incontestavelmente o Maranhão uma das provandas do Brazil, que gosa com mais justiça dos áyos de civilidade e hospitalidade. Escurecer esta verdade reconhecida até no estrangeiro, é negar a propria luz meridiana!!!



Pois bem, S. exc. rvm., segundo nos informa, nega tudo isto e por occasião de entender-se com um dos nossos encarregados de festas, foi mais longe, chamou selvagem ao povo maranhense!!!

Vejam-se s. exc. rvm. com razão: Os maranhenses, sempre que ás nossas plagas aponta um estrangeiro, abraçam os braços, corção-no d'estima e dispensão-lhe a maior consideração. Em alguns de quinze dias o relacionado com a nossa melhor sociedade e todos a uma padião em dar-lhe provas da nossa proverbial hospitalidade.

Mais tarde, porém, se reconhecem que foram illudidos e que, o recém-chegado não é digno das atenções que recebeu, desprezo-na e não se occupam mais dele. Será isto selvageria??? Não, isto é simplesmente bom senso, em que pezo a todos os Bispos do Universo!!!

Um Bispo, depois do *Syllabus*, é sem duvida alguma um estrangeiro, e um estrangeiro poderoso, porque pôde, se for um engrugmento, perturbar a ordem publica, estabelecer a discordia e dividir até a propria familia!!!

E é por isso que, a respeito do Bispo, o povo procede sempre com mais attenção e muito maior respeito.

Um Bispo não é uma necessidade absoluta. Não se pôde passar sem comer ou beber, mas sem Bispo passa-se perfeitamente bem; porém já que o governo não-o impõe, temos o incontestavel direito de exigir-o bom, sensato e muito illustrado, mesmo porque sem laes predicados, não pôde bem dirigir a Diocese.

Tem o sr. D. Antonio todos os predicados necessários para ser um bom Pastor!!! Vejamos:

Um Bispo deve ser muito illustrado, e o sr. D. Antonio não o é. Um Bispo deve ser calmo e reflectido e o sr. D. Antonio é zangado e genioso.

Um Bispo deve ser grave até os seus gestos e o sr. D. Antonio tem até o andar indigoso. Um Bispo deve saber a palavra sagrada, e o sr. D. Antonio quando prega *caetá* o respeitavel publico!

Um Bispo deve ser manso como um cordeiro, e o sr. D. Antonio é milfissimamente *berbo*!!!

Ante por occasião do enterro do Senador—um dos actos mais solennies do catholicismo—s. exc. todo paramentado e de mitra na cabeça, verberou o povo em phrase tão dura e violenta, que provocou da plebe dilerios deste jaz—*Parece o papa das velogres de Santa Antonio*!!!

Além disso o que tem feito s. exc. rvm. para merecer a estima dos maranhenses?

Prohibio festas, que são verdadeiros costumes populares, taxando-as d'escaudadas publicas!!!

Atacou inaudadas, ferindo divinos adqueridos!!! Tratou mal respeitaveis negociantes, que foram ao Paço implorar a caridade diocesana, *sem narica e sem foguetes*!!!

Despudi da Beccanlamente—pelo crime de serem casadas—diversas indolizes all *afregiadas* pelo infortunio!! E ultimamente angou sem piedade o proprio clero maranhense, mandando vir d'eucommenda para governa-lo o reacionario mais mal intencionado do orbe catholico!!!!!!

E é assim que s. exc. pretende impor-se á estima publica?!! Engana-se. O povo maranhense com o bom senso que lhe é peculiar vio tudo isto e retrahio-se e foi d'alui naturalmente que lhe descoloriou a selvageria.

Pois bem, sempre que for assim tomamos até orgullo em ser selvagem.

O Marquez de Pombal.

A expulsão dos Jesuítas em França

A igreja romana acaba de receber um golpe profundo, em destes golpes que deixão a ferida aberta por muito tempo. O que foi uma derrota para o clero, foi

um triumpho para o espirito moderno. A França mostrou-se agora digna do nome de que goza.

O jesuitismo, que é para a sociedade uma especie de cancro, era o maior inimigo que tinha a França. A Allomanha não lhe inspirava tão grandes receios. O jesuitismo invadia-lhe o mundo do espirito. Procurava, por meio da instrução, apouar-se da mortalidade.

A França, podemos dizer, era um paiz de conventos. O convento é um serventio de consciencias. Engole homens, e vomita padres. O padre é um ente perigoso: separado do mundo, tem-lhe odio. E o passado enlucado atacando o futuro. Come hostias e cospo calumnias. Ha sempre dentro da bafina d'um padre um homem que não é homem, porque é um hypocrita. O hypocrita é menos que um homem, e mais que Satan. Do homem bem de menos a alma, do Satan tem de mais as astucias. Combina estas cousas, e torce o padre romano.

A França tinha no jesuita um inimigo declarado sempre prompto para atacal-a. Aguardava a occasião. O jesuita fazia na França uma obra terrivel:—minava o solo da republica. Vela soar pelos ares, e agora com prejuizo da humanidade, era o que elle esperava.

Cada palmo de terreno ganho pela liberdade, causava um danno immenso ao jesuita. D'alí o seu esmero tenaz na desgracia da republica.

Toda a questão do padre romano é apoderar-se da consciencia. Quem tem a consciencia bom o homem. O jesuita estava prestes a dizer:—a França é minha.

—A republica, deste modo, perigava. A sua queda seria uma gloria para o passado, uma victoria para o Papa. O seu desahamento traria consigo a riqueza do jesuitismo.

O jesuita soffre de fome canina, e tem um ventre maior que o oceano. Enchel-o, é todo o seu fim. Quizeram comer Portugal: estavão na massigação, quando um osso engasgou-os:—o Marquez de Pombal.—Mas fôrão com o ventre quasi cheio de sangue. A Inquisição era a meza nojenta do festim, onde se banquetheavão esses curvos fumintos, os jesuítas, vomitados pelo enfermo, em noute de desgraça. E no meio da embriaguez cruzada pelo sangue elles, grama-vio:—Para maior gloria de Deus! O piar da curpa opprressão o homem. O grasnar desses curvos inda faz tremer a historia.

O jesuita queimou na Hespanha—cinco milhões de homens.—Cinco milhões de fígues não farião uma carnificium maior.

O jesuita foi o terror do passado, e é um perigo no presente. O futuro esmagal-o-ha.

O que a republica franceza fez não se pode condemnar. Expulsando o jesuita, garantiu o seu porvir. O jesuita, nos já o dissemos, era o maior inimigo que tinha a França. Ella não podia dizer: estou salva, posso caminhar, sem receos, na estrada do progresso.—Ella hoje marcha sem encontrar na viagem esses honens—tropeços, esses honens—barreiras, os jesuítas, á quem Garibaldi chamou—lobos.

Aquelle que procurar livrar-se d'um inimigo obrará com prudencia. Um inimigo é sempre um inimigo; por memor que seja elle, pode sempre fazer mal. E o jesuita tem feito mais mal do que bem. A França sabia e sabe perfeitamente o que tem sido o jesuitismo. Lança os olhos por cima dos Pyreneos e vê a Hespanha e Portugal, duas victimas da bafina, que podião ser grandes, se não fossem amesquinçadas pela soturnia. Em Portugal, onde não ha mais pena de morte, o Vaticano já não desdobra, como d'antes, o seu estandarte negro e nojento,—a bafina—

—Antes que os jesuítas fação o mesmo por cá, pensou Ferry, é prudente e acertado pol-os fora de casa.— Foi o que fez o Marquez de Pombal, e assim salvou sua patria. Pombal foi o Messias dos portuguezes.

—A expulsão dos jesuítas foi um attentado a liberdade individual, dizem.—

Admittamos esta hypothese. Porém é preciso saber que acima do interesse de um está o interesse de todos, o interesse geral. Neste caso a fracção desaparece. Soltra uma, mas não soltra todos. O jesuitismo, em relação a população da França, era uma fracção. Desappareça esta fracção para garantia de todos. Porém notemos que esta fracção podia fazer desaparecer a França d'um momento para outro. «Era a pequenez capaz da enormidade.»

Todas as vezes que a gangrena se tenia manifestada n'uma das partes do corpo humano, n'um braço por exemplo, o medico corta-o immediatamente, para que o mal não possa invadir o resto dos orgãos. Esta medida, ninguém pode negar, é uma medida violenta. Mas a violencia da medida desaparece ante a sua necessidade, que é absoluta.—Ou o braço ou a vida—diz o medico.—Vá o braço e fique a vida—diz o enfermo. Nas crises extremas, é salado, os meios extremos.

A França, em materia de jesuítas, achava-se n'um estado critico. E, dignos com franqueza, Ferry foi um optimo operador. Um bom legislador é um bom entendido de medicina politica, se nos permitirem a expressão. E que tambem as nações soffrem. O jesuitismo é uma doencia perigosissima. A França soffria de carboxia. Applicação-lhe um remedio elleaz:—a lei de Ferry—

Ferry, que é hoje uma gloria deste seculo, reconhecendo o estado gravissimo de seu paiz, não trepidou em apresentar a camera dos deputados o seu projecto, que é um monumento. O projecto, torado lei, já foi posto em execução. E a França sente-se hoje leve d'um peso immenso. Se lhe tirassem de cima do corpo uma montanha de ferro, não lhe farião tanto bem. E que o menor das absurdos pesa mais do que o maior das Hyrnataias. O jesuita é o absurdo em toda a sua grandesa infernal.

—O fim do jesuita é nobre, e justo: o a propagação da fé—dizem-nos. Se assim é, o que faz o jesuita na França, paiz cuja religião é a catholica romana, o que se acha ligada ao Estado?...

Jesuita ou padre romano, a Africa se acha envolta em espessas trevas, dissipar a ignorancia com a luz de vossa fé. Trocal esta vida ociosa de conventos, que só faz homens inúteis, pela vida laboriosa do missionario. A Europa não precisa de vós. Ide ligar as innumeradas illas da Oceania por um só laço: o christianismo. Ide desfraldar o estandarte da cruz nas regiões selvagens da Africa. Abundai as cidades civilisadas, onde estão os vossos conventos, e ide em procura dos selvagens, para que assim a sociedade tenha mais homens e Deus mais almas.

Jesuita, só útil.

Pietro Garibaldi.

S. Luiz, Setembro de 80.

A civilização de sachristia e o Jornal Pensador.

O Pará, esse grande emporio dos productos de borracha, re-exportou-nos ha mezes um *talento mebalho*, cuja fama rebou desde a Villa do Paço até a Rampa do Campos Mello!!! Ninguém mais entediado em linguas mortas e vivas, ninguém mais versado em cousas sacras e profanas!!! *Poluemista gigante* vinha d'um jacto—*puif!!!*—pulverisar a *impudabe* dos maranhenses!!! Assim dição e berravão os *Espoletas*, esses incansaveis consumidores da *boia ecclesiastica*.

De repente apparece-lhe valente e corajoso adversario que, affrontando a luva á cara, espera calma e sobranceiro o *furibundo* trovar do *bento Krupp*!!!

Mas contra a expectativa geral o *Talento* arragega a bafina, arragega os olhos e mettendo a cauda entre pernas, qual canina creatura atacada do hydrophobia, foge em disparada, deixando em seu lugar o moleque *Fojó* que, armado de taboca de foguete e ao som do *ganga gerébo*, faz gaitonas e esgarces grotescos ao

Diario do Maranhão, que nada tem de commun com nosro!!!!

Seja bem vindo o moleque, sim senhor, mas que se limite a gingar como faz na frente do batalhão, porque do contrario *caerá* infallivelmente o *cevala da grande*.

O Marquez de Pombal.

ECHOS DA RUA.

«O Vigário da Pirocava propala embatitamente que a *Pensador* é mal escripta. Fez-a boca *Ameida*»

Para quem serão os cofinhos de segredo tecidos por D. *Bereba* no *Catum*?!?!?!? *Galuda*... Isso por ora é segredo.

Frei *Magrigo* e Frei *Tubaco* para agradar o *Azio Negro*, abandonario envidemente seo *Arca* e illustrado companheiro!!! Levão cauce com certeza, estes *modernos láiz*

A *trindade maldita* continua mysteriosamente a *santa finta* do coração. Quem não pôde dar *côco*, manda abacates, langermas, franginhuos gordos etc. etc. Ah! *Tartufos*! tudo lhes serve.

O Jesuita *Ameida* declarou a D. *Bereba*, que não acceda a vigararia da *Pirocava*, pra não perder, a *beia* do Seminario!!!

—Assim *Liculus*.

Receita pra *Quarentenas do coração*, que ja perdirão a esperanga do cazório:  
Agua destilada..... 300 gr.  
Essencia de confissionario... 200 "  
Acido morronico..... 2 "  
Protocxydo de Gereba..... 3 "  
Baspos de Magrigo..... 10 "  
Misture e tome um caix.

D. *Bereba* na noute do dia 10, foi visto passelando furioso no terraço, até á meia noute.

Cuitado, estava engasgado com o *Pensador*...

Tem parangens *Toaico*, não se apavado *travica* a *brancas enzuatas*.

Frei *Miranda*—o *dandy*—teve ha dia uma *syncope*, por lhe dizerem na rua que o seu azco collario estava amarrotado!! Este padre... virá *Jachinho* gentes.

D. *Bereba*, depois de calar o sino, demittio i-nchem o gallo!!!  
Porque seria?!!

Será certo que Frei *Chelchudo*—quando vai para o confissionario enlrasca-se todo em *Patheidy*?!?! Toma tanto *Tartufos*, aqui não é *Belim*...

*Mané Garreiro*—o *fanatico*—diz que tambem escreve para o *Jornal Civiliza-o-cô*!! Quanto não lhe costará essa *hoarria* coitado?!

Que vai fazer Frei *Marrano* o *Portegoso* a uma sachristia, situada entre a rua dos *Afgaldas*, e a do *Alecrim*?!!  
Santidades..... naturalmente.

Dizem que, no grande Deus *Bachlo*,  
—Foi prestada no *Catum*,  
—Mui reverente homenagem,  
—Ao som da cana capim;  
—Mas que não era da *suja*,  
—Que só *braga* a *Rebervia*?  
—Era benta e baptizada  
—Com agua lá do *Jordão*!!!  
E viva a pandega.

Movimento das *templos*—Egreja de Santo Antonio, na ultima sexta-feira:

Bentas embeberadas.....	9
Dia do <i>cazelinho</i> .....	1
<i>Cherimbobes</i> das ditas.....	5
Jesuítas de pe leve.....	15
Ditos de gravata limpa.....	3
Mogas do coração.....	18
Vigário.....	1
—o de <i>Pirocava</i> — Cachorros, não havia.	

*Scena de confissionario*.  
Padre mestre se eu fizer o que me ostena, elle se zanga e eu morro de fome!  
Ora, fillo, vivo como os passarinhos, que comem em toda parte.....  
Santa doutrina!!!

A *trindade maldita* recebeu agora oito

1) Vide os sermões de S. Exc. Rvm.

